



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE: UNIVERSO CULTURAL DE ALUNOS DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INTEGRADA PROF. ELISEU VIANA NA CIDADE DE MOSSORÓ (RN) E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA

Cleylton Rodrigues da Costa – UERN cleyltoon@hotmail.com¹

Hallerrandro Halysou de Souza Ferreira – UERN

hallerrandrohalysou@hotmail.com²

Karlla Christine Araújo Souza – UERN karlla_chris@yahoo.com.br³

Introdução

Educação e subjetividade são fios que conduzem a escola e, esse texto. A escola é um território andarilho, não se limita apenas a um terreno, e muito menos, a um simples prédio. Andarilho no sentido de caminhar interna e exteriormente vozes; pessoas que contam histórias de seus bairros, professores que falam das suas experiências, alunos que contam algo do vivido e do vivendo. O espaço escolar é propenso às vivências culturais, subjetivas, afetivas. Apresenta-se como lugar de se sentir inserido na sociedade, e em um grupo. Como fala Andreozzi (2005) “*Educação também é um ato de cultura*”. Fazer com que o aluno perdure nesse cenário depende de outras ações e, geralmente, de outras pessoas – professores, colegas, funcionários. É fundamental que a escola tenha um papel positivo conseguindo chegar à formação dos seus estudantes, pois o papel da escola é algo decisivo na vida de diversas pessoas:

“A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela

¹ Aluno do 5º Período da Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais e Política – DCSP. Bolsista do PET CIS

² Aluno do 5º Período da Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais e Política – DCSP. Bolsista do PIBID

³ Profa. Dra. do Departamento de Ciências Sociais e Política – DCSP da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Coordenadora d PIBID Ciências Sociais.



ética, bem como pela cultura paralela e pela cultura cotidiana.” (LIBÂNEO; 1998, p. 3)

Sendo assim, a escola proporcionará como fala Libâneo (1998, p.3), o “*desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e criativo*” e, para o desenvolvimento desse pensamento, é relevante que os professores conheçam as histórias de vida dos seus alunos. Da mesma forma, os alunos precisam conhecer as histórias de vida dos seus professores, dos seus colegas. “*Trata-se de perceber a escola de hoje como espaço de integração*” (LIBÂNEO, 1998, p. 3).

Segundo Andreozzi (2005, p.27): “*A educação é absolutamente necessária para organização social e subjetiva, de tal modo que o indivíduo tem de se submeter a ela de alguma forma.*” Entendendo a educação necessária também para a organização subjetiva, pode-se fazer uma pergunta. Organização subjetiva de quem? É claro que em nossas cabeças vem logo a imagem do aluno. É importante conhecer o aluno e sua vida subjetiva. Esse conhecimento é positivo para proporcionar uma aula que diz respeito a sua vida e seus desejos, devaneios. Não significa dizer que todas as aulas serão sobre a vida do aluno, e sim, que ele possa ver a sua vida, um pouco do seu “eu”, no que está sendo transmitido todos os dias. Por esses motivos, na disciplina de Laboratório de Ensino I, no curso da licenciatura em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Karlla Christine que escolhemos conhecer alguns alunos do Centro de Educação Integrada Prof^o. Eliseu Viana, na cidade de Mossoró (RN) com a finalidade de conhecer e pensar sobre o seu universo subjetivo, cultural, suas vivências dentro e fora da escola.

Metodologia, Análise, Resultados.

Educação e subjetividade nos chama a atenção, como também: educação e sociedade. Essas palavras estão ligadas, como fala Andreozzi (2005, p.29), “*Educação e sociedade estão constitutivamente ligadas, em relação. A educação sustenta-se como ato sócio-cultural.*” Sendo assim, educação, sociedade, subjetividade, cultura são indispensáveis e inseparáveis no espaço escolar e na formação do professor.



A partir dessas inquietações - destacadas no primeiro e no segundo momento desse relato - nasce um problema: Como se compõe o universo subjetivo e cultural de alunos do Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana e de que forma esse universo é vivido em sala de aula? E para tentar responder essa questão, objetivamos conhecer o universo subjetivo e cultural de alunos do Centro de Educação Integrada Professor Eliseu Viana. E para isso, precisamos conhecer suas predileções musicais, programas culturais e leituras literárias, e depois, perceber de que forma esse universo é vivido em sala de aula e qual sua contribuição para o aprendizado.

A pesquisa propõe uma abordagem qualitativa e foi realizada no espaço escolar, no horário do intervalo, onde havia um grande fluxo de alunos. Nos primeiros passos dados nos corredores da escola foram visíveis diversos grupos: alunos ouvindo músicas em fones de ouvidos; rodas de conversas e jogos em grupos. Depois de fazer uma espécie de caminhada por todo o espaço escolar começamos a se aproximar de dois grupos que nos chamou mais a atenção. Antes de apresentarmos os resultados obtidos com os grupos de alunos, é necessário destacar que a conversa (entrevista) foi gravada, fizemos o uso de um gravador para auxiliar na transcrição dos dados. Essa entrevista foi realizada de forma coletiva. Encontramos um grupo de alunos, esses alunos fazem o segundo ano do ensino médio na escola pesquisada. Grupo composto por: Alice, 16 anos, Mario, 16 anos; Túlio, 18 anos; Isaías, 16 anos e por último; Milton, 16 anos.

Nesse grupo foi perceptível o quanto eles gostam de sair na cidade e frequentar lugares que propõem uma sociabilidade com outras pessoas, os lugares são dos mais variados: Praça de convivência, Lanchonetes, cinema, Shows, Shopping Center, Academia de Musculação. Os programas culturais desses alunos estão baseados nas opções que a cidade de Mossoró oferece, destacaremos alguns relatos:

“Quando eu não estou na escola eu costumo sair para lanchonetes, ir a academia, festas que tem aqui na cidade na Estação das Artes, principalmente as de forró e quando estou em casa fico muito tempo na internet.”
(Mario, 16 anos, 2º série, Ensino Médio).



“Eu gosto muito de ficar no Facebook e na internet ouvindo músicas, forró, pagode e sertanejo. Costumo também sair para o cinema quando não estou a fim de assistir filmes em casa.” (Alice, 16 anos, 2º série, Ensino Médio).

“Costumo ir ao Shopping, jogar bola e ir para as festas, eu gosto muito de ir para as festas de forró e suingueira, gosto de dançar e me encontrar com os meus outros amigos que não vejo sempre. Fico bastante tempo no twitter, facebook, passo muito tempo na internet.” (Túlio, 18 anos, 2º série, Ensino Médio).

É visível nesse relato, como também nos outros, além da presença dos alunos no *shopping center*, a presença da internet como outro espaço frequentado fora do ambiente escolar. A partir dessa informação tentamos descobrir quais predileções musicais esses alunos costumam ouvir na internet e o que eles costumam fazer:

“Eu costumo usar as redes sociais para conversar com meus amigos, descontrair e também ouvir músicas, eu gosto muito de forró, de música sertaneja, só não gosto de música internacional.” (Túlio, 18 anos, 2º série, Ensino Médio)

“Eu gosto de todo tipo de música, menos opera. E de todas, eu prefiro Forró.” (Isaías, 16 anos, 2º série, Ensino Médio)

Percebemos que o estilo musical “forró” é bastante ouvido pelos alunos, como o uso da internet. É visível a procura desses alunos por outros lugares e outras atividades de descontrações, onde eles passam por processos de socialização e que, devemos levar em consideração, também, como um processo de educação e de aprendizado. Essas atividades são desenvolvidas por vários motivos, um deles, é que são prazerosas, eles se reconhecem e se encontram nessas horas de prazer.

Segundo esse grupo de alunos e, destacando principalmente a fala de Alice, quando ela diz: *“Essas atividades são raras na escola (...) trabalhar na sala de aula o que gostamos é mais uma diversão na sala de aula, e é melhor para aprender cada vez mais. É muito bom fazer o que gosta dentro da sala de aula.”* Esse relato de Alice é revelador da importância de trabalhar



metodologias voltadas para o universo subjetivo do aluno em sala de aula. Como fala Libâneo (1998, p.19): “*que o professor seja capaz de ajustar a sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação*”. O segundo grupo, é composto por 5 meninas Talita, 16 anos; Maria, 16; Mara, 17 e Viviane também com 17, todas fazem a 3ª série do ensino médio, no turno vespertino.

“Eu vou muito ao cinema com meu namorado, gosto muito de filmes, de seriado e ver TV, não uso muito à internet, eu não tenho redes sociais então, só uso para fazer trabalhos da escola” (Talita, 16 anos, 3º Série, Ensino Médio)

“Eu também gosto de ir ao cinema e assistir seriado, prefiro os filmes românticos e gosto muito de filmes nacionais, em relação a músicas, eu adoro música popular brasileira e não escuto forró.” (Maria, 16 anos, 3º Série, Ensino Médio)

“Eu sou muito caseira, na verdade eu saio muito pouco de casa, costumo ficar em casa vendo filmes e com minha família. Eu também gosto de seriado e costumo usar a internet para baixar e assistir, mesmo assim, uso a internet para acessar as redes sociais e conversar com meus amigos” (Viviane 17 anos, 3º Série, Ensino Médio)

Nesse grupo podemos verificar um gosto parecido e relacionado ao cinema, todos os relatos estão destacando o cinema como lugar de atividade fora da sala de aula, exceto Viviane, que prefere assistir em casa os seus filmes e séries. Mais uma vez, podemos ouvir que essas linguagens não são trabalhadas em sala de aula:

“Essas atividades não são trabalhadas em sala, apenas em alguma data específica ou em gincanas que acontecem uma vez perdida, geralmente no meio e no final do ano. Eu particularmente, gosto muito quando a professora faz alguma atividade diferente, nós gostamos muito e é muito importante até para a gente conhecer coisas novas” (Mara 17 anos, 3º Série, Ensino Médio)

Sem dúvidas, essas atividades fazem com que esses e outros alunos se sintam estimulados a estudar e se sentir bem na escola e na sala de aula. Por isso cabe também ao professor e ao futuro profissional conhecer esse universo para ser trabalhado e explorado no ensino.



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

Conclusão

Os grupos de alunos pesquisados apresentaram uma série de atividades que são realizadas no espaço fora da escola. Enquanto futuros professores, percebemos que essas atividades devem ser trabalhadas na escola. É preciso conhecer o aluno, seus desejos, suas histórias. Ficamos estimulados a conhecer também o universo subjetivo de alguns professores e porque eles não tentam trabalhar esse universo em sala de aula, melhorando a sua prática, tornando-a mais prazerosa. Pensamos que a formação desses professores não permite que estes abram seus livros de subjetividade e compartilhem com seus alunos. Desse modo, consideramos positiva essa experiência proporcionada na graduação, pois nos faz perceber a importância das questões de subjetividade presentes já no processo de formação dos professores.

REFERÊNCIAS

- ANDREOZZI, Maria Luiza. **Educação e Subjetividade**, ano1, n. 1, 2005, p. 79-102.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998. vol. 67.
- SOUZA, Mériti de (2004). **Fios e furos: a trama da subjetividade e a educação**. Revista Brasileira de Educação, n.26, Maio/Jun/Jul/Ago, p.119-132.
-